

Entrada de capitais para investimentos no setor produtivo deve duplicar este ano

Dados fazem parte do boletim sobre a economia lançado ontem pelo Governo

Angélica Wiederhecker e
Rachel Bertol

• RIO e BRASÍLIA. O aumento da entrada de capitais para investimento no setor produtivo é sinal de que o plano de estabilização está no caminho certo, apesar de precisar de eventuais ajustes, afirma o "Boletim de Acompanhamento Macroeconômico", lançado ontem pelo Governo. O secretário de política econômica, José Roberto Mendonça de Barros, disse que a expectativa do Governo, com base em informações de mercado, é de que entrem R\$ 7 bilhões este ano, contra R\$ 3,5 bilhões em 1995 e R\$ 1,8 bilhões em 1994.

— O investidor está sentindo segurança em aplicar no Brasil. No caso da Light, três investidores respeitáveis deram mostras de que investir no país é bom negócio — afirmou o secretário.

Mendonça de Barros admitiu, porém, que o Plano Real passa pela sua fase mais difícil, ao comentar as altas taxas de desem-

prego — uma das consequências da política de juros altos e do arrocho do crédito. Ele explicou que a redução do "custo Brasil" está ocorrendo de forma lenta:

— Os ajustes na economia não estão ocorrendo no ritmo que gostaríamos.

O boletim divulgado por Mendonça de Barros aponta para retomada da atividade industrial, com crescimento modesto da produção industrial em 96, em relação ao ano passado.

O texto do boletim começa fazendo uma análise da trajetória da inflação, que tem apresentado queda contínua desde o início do Real. Os consultores do mercado são unânimes ao projetar uma inflação sob controle, mas mantêm divergências a respeito da balança comercial. Para este ano, a MCM, por exemplo, trabalha com déficit de US\$ 2 bilhões, enquanto a Macrométrica projeta US\$ 860 milhões positivos.

A divergência continua na Mendonça de Barros Associados, fundada pelo secretário de Política

Econômica, e que atualmente tem como sócia sua irmã Cristina. A consultoria não está no lado dos otimistas: para este ano, o déficit projetado é de US\$ 1,5 bilhão a US\$ 2 bilhões e, para 1997, o buraco previsto é maior ainda: de US\$ 3 bilhões a US\$ 5 bilhões. O número é bem pior que os da MCM e da Macrométrica, que apostam em superávit em 1997. A primeira projeta US\$ 1 bilhão, e a outra, US\$ 3,14 bilhões.

O Governo, no boletim, limita-se a afirmar que a balança comercial tem apresentado melhora constante desde o início do ano. No primeiro quadrimestre, o déficit foi de US\$ 237 milhões, o que, segundo o boletim, indica uma considerável evolução em relação aos US\$ 2,8 bilhões negativos registrados no mesmo período de 1995.

Segundo o economista da MCM Dany Rappaport, no segundo semestre, o nível de atividade deve se situar em cerca de 5%, contra variação praticamente nula neste primeiro semestre. Por conta dis-

so, as importações devem ser elevadas, o que levará ao déficit na balança:

O economista Fernando José Ribeiro, da Macrométrica, acredita que a busca de superávit na balança comercial é prioridade do Governo, que por isso não deixará o nível de atividade crescer muito este ano. A expectativa da Macrométrica é de que 1998 será o melhor ano do mandato de Fernando Henrique, com superávit na balança de US\$ 4,25 bilhões.

— A inflação deve estar consolidada abaixo de 10% em 98, os juros poderão cair a menos de 1% ao mês e a economia terá espaço para crescer — diz Ribeiro.

O Conselho Regional de Economia (Corecon) divulgou ontem projeções para a economia em maio e junho: a balança deve se manter com superávit, mas a produção industrial deve pular de 1,1% em maio para 1,9% em junho. A taxa de desemprego deve continuar crescendo. Para o ano, a projeção passou de 5,8% para 6,2%. ■